

Prólogo

O estímulo para organizar este livro é devido aos meus colegas dos estudos de comunicação, amigos jornalistas e estudantes de pós-graduação que insistiram repetidamente para que fosse editado um volume que recolhesse diversos artigos sobre os jornalistas que se encontravam dispersos em revistas universitárias ou especializadas. Uma parte substancial destes trabalhos — uns de minha autoria e a maioria dos restantes realizados sob a minha orientação académica — continha interpretações relacionadas com os resultados dos dois inquéritos aos jornalistas que ajudei a realizar ou dirigi cientificamente na década de 1990. O primeiro incentivo no sentido de publicar uma obra com estas características foi de Mário Mesquita, um colega e amigo que sempre mostrou genuína curiosidade pelos meus textos sobre os jornalistas. Todavia, ainda que me tivesse agradado responder a estes encorajamentos, deixei-me atrair durante cerca de década e meia por outras questões e ângulos de análise que resultaram numa renovada perspectiva da sociologia e me conduziram à formulação de novas interrogações e problemáticas. Ficou assim num impasse a ideia de publicar em forma de livro este conjunto de estudos sobre a profissão de jornalista em Portugal.

Entretanto, a publicação deste volume impunha-se por várias razões. As análises sociológicas efectuadas em Portugal na década de 1990 anteciparam ou ocorreram sensivelmente na mesma altura de outras congéneres em Espanha e França mas, ao contrário

destes países, não contávamos ainda com uma obra que oferecesse uma perspectiva de conjunto da evolução morfológica, dos movimentos profissionais, da identidade e das concepções dos jornalistas portugueses num período tão relevante de transformações na economia política dos *media*. Apesar dos importantes avanços registados na investigação em comunicação e jornalismo em Portugal, alguns dos quais se indicam na bibliografia do texto introdutório deste livro, o processo de profissionalização dos jornalistas continua a ser um domínio em que se sente a necessidade de conhecimentos de vários tipos (sociológico, histórico, etnográfico, demográfico-estatístico). As abordagens sociológicas que compõem este livro representam, por conseguinte, uma tentativa, realizada a partir de diversos elementos e dados, de análise e compreensão de algumas das principais situações e mudanças ocorridas no período-chave de finais de 1980 e década de 1990. Tais metamorfoses, como indiciam os escritos desta obra, podem ser consideradas como uma das fases marcantes da recomposição da profissão de jornalista em Portugal — um processo inscrito numa continuidade de transformações que, numa certa altura, observou uma descontinuidade plena de implicações — no quadro da formação de um universo da informação estruturado em contexto democrático e numa etapa de arranque para um regime acelerado de mudança tecnoeconómica.

O I Inquérito Nacional aos Jornalistas Portugueses foi resultado de um protocolo de colaboração entre o Seminário de Sociologia da Comunicação do ISCTE e o Sindicato dos Jornalistas. Trata-se de um estudo orientado por J. M. Paquete de Oliveira, no qual tive a oportunidade de participar (1990-1991), e que teve como principal objectivo o delineamento do perfil sociológico dos jornalistas profissionais (detentores da carteira profissional). O II Inquérito Nacional aos Jornalistas Portugueses resulta da proposta do Sindicato dos Jornalistas portugueses (SJ) que me foi feita para voltar a inquirir este grupo profissional, no seguimento do que já tinha acontecido em 1990, de uma forma ainda mais ampla e aprofundada. Para levar a cabo tal empreendimento foi constituído um grupo de trabalho sob a minha orientação (em colaboração com o Sindicato dos Jornalistas), formado por alunos do curso de Sociologia do ISCTE e de Comunicação Social da Universidade Católica Portuguesa, que trabalhou na concepção e

aplicação do inquérito sem qualquer retribuição pecuniária (1997-1998).

Passado um largo período após a realização de algumas das interpretações que agora reaparecem, a tarefa de voltar a visitar e editar textos antigos apresentava sérias dificuldades a transpor. Enquanto autor (e, em certos casos, co-autor com José Castro) de alguns, não tinha deixado de leccionar em comunicação e, embora só publicando artigos ocasionais, continuei a pensar sobre os *media*, os jornalistas e as transformações na economia política da informação. Acedi a muitos factos novos e tive de me confrontar com problemas diferentes, sendo que até as velhas questões passaram a ser encaradas com rasgos distintos. Fui, assim, conduzido a gizar um plano em que reescrever os meus estudos fosse parte da minha tarefa, obrigando-me a acompanhar actividade similar nos restantes textos, mesmo quando as circunstâncias dos outros autores eram diferentes das minhas. O resultado não terá sido completamente conseguido, tendo porventura sido mais feliz nuns casos do que noutros. Em geral, as alterações foram mais sobre o pano de fundo da acção dos jornalistas e nos casos em que a leitura dos dados não sofria com esse facto. Por essa razão não revisei vários outros dos meus artigos, que não voltam, por conseguinte, a ser publicados e ficam como foram editados originalmente.

Espera-se que os estudos aqui reunidos possam ser um ponto de referência para o estabelecimento de linhas de investigação, e que disponibilizem elementos sobre a profissionalização e o profissionalismo dos jornalistas portugueses. Fica, evidentemente, muito por esmiuçar, como é exemplo, apesar de avanços nestas áreas, o forte condicionamento ditado pelos empresários, através da implementação de mudanças na gestão das redacções, e pelos políticos, por via das alterações nos quadros legais, no exercício e regulação da profissão de jornalista. Também a relação entre os jornalistas e outros ofícios da comunicação mediática, assim como a influência da inovação tecnológica nas transformações socioprofissionais e as configurações de pertença, de identificação e de valores éticos, seriam objectos de aprofundamento muito pertinentes.

Os textos publicados são de oito autores, tendo todos em comum a convocação do olhar sociológico e a convergência genérica quanto ao período submetido a análise. O facto de a perspectiva

sociológica ser hegemónica nesta investigação sobre os jornalistas pode compreensivelmente ser sujeita a objecções com origem na distância entre dois universos, o da sociologia e o do jornalismo, pese embora ambos terem como referência o mundo social. Todavia, se fosse necessário justificar a legitimidade do olhar específico dos sociólogos sobre os jornalistas, sempre se poderia evocar a frase lapidar de Simmel (s. d., 42): «Para se compreender César não é necessário ser-se um César; para se compreender Santo Agostinho não é mister ser-se também Santo Agostinho. Mais ainda: uma certa diferenciação permite, por vezes, estabelecer-se entre nós e um outro indivíduo uma atmosfera mais permeável ao conhecimento psicológico com ele relacionado.»

Este volume abre com um texto de introdução ao estudo dos jornalistas que, de forma sintética, procura delinear o contexto societal onde ocorrem os movimentos e processos de transformação social no grupo profissional entre meados da década de 1970 e o início do século XXI. O livro reúne um texto dedicado ao significado da tradição de censura em Portugal (capítulo 1), um outro que tem como centro os movimentos de expansão, diferenciação e reconstituição identitária da profissão (capítulo 2), ainda outro sobre a profissionalização das mulheres jornalistas (capítulo 3) e a série de acontecimentos baptizada «*blackout* informativo ao Parlamento» a que correspondeu um conflito marcante entre o jornalismo e o poder político (capítulo 4). Dá ainda a conhecer quatro textos que analisam a evolução do perfil socioprofissional dos jornalistas e o seu quadro de representações diferenciadas (capítulos 5, 6, 7 e 8), incluindo-se também um exame à forma como os jornalistas se situam perante aspectos fundamentais do sistema de relações internacionais (capítulo 9). Como texto final, considereei apropriado inserir um ensaio da minha autoria sobre um dos aspectos mais relevantes da acção dos *media* e que consiste na construção de uma cultura visual de massas, onde a tecnoimagem e a iconografia do fogo irrompe como exemplar (capítulo 10).

Uma parte muito significativa dos textos deste volume tem como base os dados das duas inquirições realizadas aos jornalistas. O capítulo 2 interpreta dados do I Inquérito (1990), e os capítulos 5, 6, 7, 8 e 9 recorrem aos apuramentos do II Inquérito (1997). Especificamente, o capítulo 5, para além de apresentar uma síntese da evolução sociográfica dos profissionais do jornalismo em

Portugal entre 1987 e 1997, actualiza as hipóteses de segmentação interna já ensaiadas nas análises estatísticas multivariadas de 1990, e que se encontram no capítulo 2, apresentando uma solução estatística e interpretativa que sustenta os capítulos 6, 7, 8 e 9.

A todos os autores que colaboram neste volume exprimo o meu reconhecimento pela cedência dos seus textos para publicação. Cinco pessoas merecem também uma menção específica por terem acompanhado de perto a longa preparação desta edição: Filipa Subtil, Sara Meireles Graça, Patrícia Dias da Silva, Joana Ramalho e Rita Correia. A estruturação, selecção e revisão dos textos foi um trabalho a que se dedicaram, em diferentes etapas, com competência, cuidado e perseverança. Agradeço ainda a leitura e os comentários que Adelino Gomes, Cesário Borga, Diana Andringa e Nuno Ramos de Almeida fizeram ao meu texto introdutório ao estudo dos jornalistas portugueses. O texto do capítulo 1 foi também objecto de uma apreciação rigorosa de Manuel Lucena, assim como de um escrutínio atento, feito por Patrícia Dias da Silva e Joana Ramalho, dos erros detectados numa versão anteriormente publicada. As observações efectuadas a ambos os textos foram muito valiosas, mas a responsabilidade pelas perspectivas expressas só a mim me compromete.

Ao publicar este livro devo também citar quem me incentivou ao estudo dos jornalistas, José Manuel Paquete de Oliveira, que, na coordenação da área de sociologia da comunicação da licenciatura e mestrado no ISCTE, entre 1991 e 2006, muito apoiou o meu trabalho de professor e de estudioso deste domínio. Agradeço ao Sindicato dos Jornalistas a possibilidade de realizar as inquirições aos seus associados e a todos os jornalistas que responderam aos questionários. Quero igualmente nomear colegas que, no quadro do meu interesse pelo estudo da comunicação e do jornalismo, me têm proporcionado oportunidades de leccionação, convites para conferências e cruzamento de ideias. Por todos, refiro José Rebelo, do ISCTE; José Bragança de Miranda e António Fernando Cascais, da Universidade Nova de Lisboa; Mário Mesquita, Isabel Simões e Telmo Gonçalves, da Escola Superior de Comunicação Social; Moisés Lemos Martins, Manuel Pinto e José Pinheiro Neves, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho; Tito Cardoso e Cunha, da Universidade da Beira Interior; Marta Alves, da Escola Superior de Educação de Setúbal;

Isabel Vargues e Maria João Silveirinha, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O meu reconhecimento dirige-se ainda à Clara Cabral pela sua competência e entusiasmo nos preparativos para a publicação desta obra e à Imprensa de Ciências Sociais, na pessoa da sua actual directora Cristiana Bastos, pelo seu acolhimento num catálogo tão valioso.

Por fim, uma nota singela de homenagem e em memória do jornalista João Mesquita, companheiro de geração da luta estudantil contra a ditadura no começo da década de 1970, presidente do Sindicato dos Jornalistas quando iniciei o estudo desta profissão e que, após ter regressado às redacções, experimentou sérias dificuldades — tendo mesmo sofrido o despedimento injusto — devido ao seu carácter íntegro e à partilha de uma concepção livre, rigorosa e cívica do jornalismo. A sua morte prematura ocorre quando é necessário mais do que nunca encontrar respostas para a actual crise dramática do jornalismo, simbolizada no espectro do colapso dos grandes jornais.

José Luís Garcia

Referência bibliográfica

Simmel, Georg. S. d. *Cultura Feminina*. Alfragide: Galeria Panorama.